

**23 NOVEMBRO SESSÃO ABERTA 4 – ARQUITECTURA PORTUGUESA*****O Inquérito à Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal*****Maria Helena Maia**

Centro de Estudos Arnaldo Araújo, Escola Superior Artística do Porto

**Alexandra Cardoso**

Centro de Estudos Arnaldo Araújo, Escola Superior Artística do Porto

Quando em 2010 começamos a fazer o levantamento sistemático da informação disponível sobre o Inquérito à Arquitectura Regional, publicado em 1961 com o título *Arquitectura Popular em Portugal*, rapidamente constatamos a pobreza relativa da historiografia do tema.

Sendo sistematicamente referido nos estudos sobre arquitectura portuguesa do séc. XX, sempre com reconhecimento explícito ou implícito da sua importância, o Inquérito foi na realidade muito pouco estudado, reduzindo-se o seu conhecimento a poucas, se bem que importantes, leituras, depois sucessivamente repetidas e apropriadas sem evolução.

Efectivamente, o conhecimento que hoje existe do Inquérito passa por dois tipos de contributos: (1) o volume *Arquitectura Popular em Portugal*, as informações nele veiculadas e os contributos posteriormente dados pelos seus autores; (2) a leitura que sobre ele foi produzida a partir dos anos 70 no âmbito dos estudos de história e crítica da arquitectura portuguesa.

No primeiro caso, incluem-se os textos de Nuno Teotónio Pereira e os testemunhos de Silva Dias, António Menéres, Fernando Távora, entre outros. No segundo, são especialmente importantes os trabalhos pioneiros de José-Augusto França<sup>1</sup>, Nuno Portas<sup>2</sup>, Pedro Vieira de Almeida<sup>3</sup> e Octávio Lixa Filgueiras<sup>4</sup>, a que se seguiram algumas, poucas, contribuições para a construção do conhecimento sobre o tema, entre as quais as de Sérgio Fernandez<sup>5</sup>, Manuel Mendes<sup>6</sup> e Ana Tostões<sup>7</sup>. Ambiguamente, entre estes dois tipos de contributos, situam-se os sucessivos prefácios que

---

<sup>1</sup> José-Augusto França, “Raul Lino: Arquitecto da Geração de 90” in *Raul Lino* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970).

<sup>2</sup> Nuno Portas, “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação” in *História da Arquitectura Moderna*, de Bruno Zevi (Lisboa: Editora Arcádia, 1978).

<sup>3</sup> Pedro Vieira de Almeida, “Carlos Ramos: Uma estratégia de intervenção” in *Carlos Ramos* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986); Pedro Vieira de Almeida e Maria Helena Maia, “As décadas pós-Congresso: Os anos 50” in *Arquitectura Moderna*, direcção de Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes. Vol. 14 da *História da Arte em Portugal* (Lisboa: Alfa, 1986).

<sup>4</sup> Octávio Lixa Filgueiras, “A Escola do Porto (1940/69)” in *Carlos Ramos* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986).

<sup>5</sup> Sérgio Fernandez, *Percurso: Arquitectura Portuguesa 1930/1974* (Porto: Edições da FAUP, 1988 [1985]).

<sup>6</sup> Manuel Mendes, “Os anos 50”, *RA – Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto* (ano I, n.º 0, Outubro, 1987).

<sup>7</sup> Ana Tostões, *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50* (Porto: FAUP, 1997 [1994]).

acompanharam as edições da *Arquitectura Popular em Portugal*<sup>8</sup>, que vão fornecendo novas leituras desta obra, muitas vezes equivocadamente lidas como parte integrante da mesma.

Posteriormente, parece poder identificar-se uma intensificação do interesse pelo tema, que começou por se manifestar em trabalhos como os de João Leal<sup>9</sup> ou Rodrigo Ollero<sup>10</sup> a que, recentemente, se veio juntar o contributo das variadas comunicações apresentadas no âmbito do encontro internacional *Surveys on Vernacular Architecture: Their Significance in 20th Century Architectural Culture*<sup>11</sup>.

Importa por fim referir o projecto de investigação A “*Arquitectura Popular em Portugal*”: Uma Leitura Crítica (2010-2013), responsável pelo encontro atrás referido, que veio propor uma aproximação alternativa desta obra, nele também entendida como pretexto e universo de demonstração da reflexão teórica sobre arquitectura<sup>12</sup>.

De facto, com excepção deste último caso, as referências ao Inquérito aparecem associadas a estudos que incidem directamente sobre o mesmo, inseridas em trabalhos sobre a arquitectura portuguesa do seu tempo ou no âmbito de interpretações críticas sobre os antecedentes da arquitectura contemporânea, alegadamente influenciada por ele.

Aqui podemos identificar claramente os pontos de vista e as ideias-chave que caracterizam a historiografia do Inquérito, bem como os autores responsáveis pelas mesmas<sup>13</sup>.

Assim, pensa-se que o conjunto dos contributos concernentes ao Inquérito pode sistematizar-se a partir das seguintes temáticas: (1) genealogia do Inquérito; (2) ligação à geografia e à antropologia; (3) relações com o poder; (4) questão metodológica; (5) consequências na arquitectura portuguesa; (6) contexto internacional; (7) importância actual do Inquérito.

### Genealogia do Inquérito

Dez anos após a publicação de *Arquitectura Popular em Portugal*, França<sup>14</sup> analisa o Inquérito num texto em que pela primeira vez é delineada a história do problema da *casa portuguesa*, estabelecendo a relação entre ambos<sup>15</sup>. Mais tarde, o mesmo autor<sup>16</sup> clarifica o enquadramento

<sup>8</sup> *Arquitectura Popular em Portugal* (Sindicato Nacional dos Arquitectos, Lisboa, 1.ª edição, 1961; 2.ª edição: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980; 3.ª edição: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988; 4.ª edição: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, 2004)

<sup>9</sup> João Leal, *Etnografias Portuguesas (1870-1970), Cultura Popular e Identidade Nacional* (Lisboa: Publicações D. Quixote, 2000).

<sup>10</sup> Rodrigo Ollero, “Letter to Raul Lino.” *Cultural Identity in Portuguese Architecture. The “Inquérito” and the Architecture of its Protagonists in the 1960’s* (Tese de doutoramento, University of Salford, School of Construction and Property Management, 2001).

<sup>11</sup> Vd. Alexandra Cardoso, Joana Cunha Leal e Maria Helena Maia, ed., *Surveys on Vernacular Architecture: Their Significance in 20th Century Architectural Culture. Conference Proceedings* (Porto: CEAA, 2012).

<sup>12</sup> Pedro Vieira de Almeida, *Dois Parâmetros de Arquitectura Postos em Surdina: O propósito de uma investigação* (Porto: CEAA, 2010); Maria Helena Maia, Alexandra Cardoso e Joana Cunha Leal, “Our Project: The ‘Popular Architecture in Portugal’. A Critical Look. Intercalar results of a research Project” in *Surveys on Vernacular Architecture: Their Significance in 20th Century Architectural Culture. Conference Proceedings* (Porto: CEAA, 2012).

<sup>13</sup> Vd. Alexandra Cardoso e Maria Helena Maia, “Tradition and Modernity: The Historiography of the Survey to the Popular Architecture in Portugal” (Comunicação aceite [Dezembro de 2010] para publicação in *Approaches to Modernity* (Porto: CEAA, no prelo).

<sup>14</sup> José-Augusto França, “Raul Lino”, 106-08.

<sup>15</sup> Esta relação foi posteriormente aceite por vários autores com diferentes pontos de vista.

<sup>16</sup> José-Augusto França, *A Arte em Portugal no Século XX* (Lisboa, Bertrand, 1974).

contextual do Inquérito, fazendo remontar as suas origens ao 1.º Congresso Nacional de Arquitectura, realizado em 1948. Neste congresso, os arquitectos modernos reagiram contra a *casa portuguesa* e a noção de *portuguesismo* na linguagem arquitectónica<sup>17</sup>, ao mesmo tempo que numa série de textos procuravam demonstrar o erro em que essas ideias eram baseadas.

A importância da revista *Arquitectura* no contexto histórico do Inquérito foi sublinhada por Portas<sup>18</sup>, que regista o facto de, nos fins dos anos 40, alguns jovens arquitectos terem assumido o controlo desta revista e aí introduzido a sua crítica ao funcionalismo, ao mesmo tempo que publicavam novas ideias e aproximações do projecto de arquitectura. Foi aí que, em 1947, Keil do Amaral publicou o artigo *Uma Iniciativa Necessária*, em que defende a importância de recolher e inventariar a arquitectura portuguesa das diferentes zonas do país. Segundo Keil, a publicação dos resultados deste inquérito dotaria os “estudantes e técnicos da construção [...] as bases para um regionalismo honesto, vivo e saudável”, isto é, formula a ideia do Inquérito.

Portas<sup>19</sup> refere ainda o texto de Távora, *O Problema da Casa Portuguesa*<sup>20</sup>, no qual este critica a casa à *antiga portuguesa* e defende a importância do conhecimento da arquitectura portuguesa, incluindo a casa popular que ao ser “a mais funcional e a menos fantasiosa”, poderia constituir uma lição para os arquitectos.

Anos mais tarde, Pedro Vieira de Almeida e Maria Helena Maia<sup>21</sup>, sem questionarem a paternidade atribuída a Keil, recordam a existência prévia de outros inquéritos à arquitectura popular realizados tanto com carácter oficial como em resposta a interesses privados.

Entre estes inquéritos, estes autores recordam o *Inquérito à Habitação Rural* completado no fim dos anos 30 pelos agrónomos com apoio oficial. Segundo este autor, os resultados deste Inquérito, denunciando as condições miseráveis em que viviam os habitantes destas casas populares, constituíram um claro desafio ao discurso então dominante, o que levou à intervenção da censura, tendo ficado por publicar o terceiro e último volume deste trabalho.

Mais tarde, João Leal vem subscrever este ponto de vista, estabelecendo a relação entre a denúncia contida nos resultados deste trabalho e a esfera de “nebulosa política” por onde gravitavam os seus promotores, “todos eles coincidentes numa posição de crítica ou oposição ao Estado Novo”<sup>22</sup>.

Por outro lado, o Inquérito realizado pelos arquitectos portugueses caracterizava-se pela ausência de preocupações sociais, com excepção da equipa de Trás-os-Montes que, talvez devido à extrema pobreza da região, prestou mais atenção às condições de vida da população local<sup>23</sup>.

### **Ligação à geografia e à antropologia**

É precisamente o líder da Zona 2, Octávio Lixa Filgueiras<sup>24</sup>, que vai dar um novo contributo para o entendimento acerca dos antecedentes do Inquérito, em particular no que diz respeito ao campo da antropologia e da geografia, que marcou especialmente o trabalho levado a cabo pelas equipas das zonas norte do território.

<sup>17</sup> José-Augusto França, “Raul Lino”; Nuno Portas, *A Evolução*.

<sup>18</sup> Nuno Portas, *A Evolução*.

<sup>19</sup> Nuno Portas, *A Evolução*.

<sup>20</sup> Fernando Távora, *O Problema da Casa Portuguesa* (Lisboa: Cadernos de Arquitectura, 1947).

<sup>21</sup> Pedro Vieira de Almeida e Maria Helena Maia, “As décadas”.

<sup>22</sup> João Leal, *Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre arquitectura popular no século XX portugueses* (Porto: Fundação Marques da Silva, 2009), 38.

<sup>23</sup> Pedro Vieira de Almeida e Alexandra Cardoso, *Arnaldo Araújo, Arquitecto (1925-1982)* (Porto: CEAA, Edições Caseiras / 1, 2002).

<sup>24</sup> Octávio Lixa Filgueiras, “A Escola do Porto”.

Figueiras oferece uma descrição do ambiente cultural existente naquela altura na ESBAP, cujo director, Carlos Ramos, estava incumbido de escolher os membros das equipas afectas a estas zonas.

Nessa altura, o geógrafo Orlando Ribeiro assegurou uma série de *master classes* naquela escola, e acompanhou os estudantes numa viagem destinada a demonstrar no terreno o conteúdo das mesmas. Mais tarde, os mesmos estudantes participaram em trabalho de campo e levantamentos no Norte do país, e também colaboraram com a equipa de Jorge Dias, trabalhando sobre o material por ele recolhido.

É neste contexto que se tem de compreender a influência de Orlando Ribeiro e do seu *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* datado de 1945, que segundo alguns autores contribuiu directamente para o estabelecimento dos limites das seis zonas geográficas em que o país foi dividido para o levantamento<sup>25</sup>, leitura que os testemunhos dos intervenientes vêm contrariar. Efectivamente, são os próprios autores que na “Introdução” de 1961 assumem formalmente uma certa arbitrariedade na delimitação das zonas, por questões operativas na distribuição das tarefas entre as equipas, apesar de enquadradas “tanto quanto possível adentro de uma certa unidade regional”, ou então em tom mais informal comentar que elas “foram traçadas um bocado a régua e esquadro”<sup>26</sup>. Aliás, o estudo comparado dos limites geográficos com os do Inquérito levou-nos já a defender que a influência do geógrafo foi sobretudo de ordem cultural<sup>27</sup>.

Por outro lado, Figueiras<sup>28</sup> testemunha que foi consequência directa do contacto com a geografia e a antropologia o facto de, pela primeira vez, uma dissertação em teoria da arquitectura ter sido aceite para obtenção do grau de arquitecto. Trata-se do seu próprio CODA, intitulado *Urbanismo: um Tema Rural*<sup>29</sup>, trabalho que acabou por levar a que fosse escolhido para coordenar a equipa da Zona 2, Trás-os-Montes. Seguiu-se-lhe Arnaldo Araújo<sup>30</sup>, outro membro da mesma equipa, com um CODA dedicado às *Formas do Habitat Rural – Norte de Bragança: Contribuição para a estrutura da comunidade*.

É baseado neste trabalho que Vieira de Almeida e Maia<sup>31</sup> chamam a atenção para o facto de ser precisamente Arnaldo Araújo que, em conjunto com Viana de Lima, Fernando Távora e O. L. Figueiras, vai lançar um estudo integrado para uma comunidade agrícola em Trás-os-Montes, apresentado pela equipa CIAM Porto<sup>32</sup> no CIAM X, em Dubrovnik, no ano de 1956. Por sua vez, Tostões<sup>33</sup> destaca o forte contributo deste trabalho, directamente ligado com o Inquérito então em

<sup>25</sup> Rodrigo Ollero, “Letter to Raul Lino”.

<sup>26</sup> Francisco Silva Dias, Entrevistado por Inês Oliveira em 13 de Dezembro de 2010 in Inês Oliveira, *A fotografia no “Inquérito da Arquitectura Popular em Portugal”* (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra – Departamento de Arquitectura, Julho 2011), anexo

<sup>27</sup> Alexandra Cardoso e Maria Helena Maia, “Architecture and the Discovery of Rural Portugal” (Comunicação apresentada na conferência internacional *Theoretical Currents II: Architecture and its Geographical Horizons*, Lincoln, Reino Unido, Abril 2012, policopiado).

<sup>28</sup> Octávio Lixa Figueiras, “A Escola do Porto”.

<sup>29</sup> Octávio Lixa Figueiras, *Urbanismo: Um tema rural* (CODA, Escola Superior de Belas-Artes do Porto, 1954).

<sup>30</sup> Arnaldo Araújo, *Formas do Habitat Rural – Norte de Bragança: Contribuição para a estrutura da comunidade* (CODA, Escola Superior de Belas-Artes do Porto, 1957).

<sup>31</sup> Pedro Vieira de Almeida e Maria Helena Maia, “As décadas”.

<sup>32</sup> A representação portuguesa era constituída por seis arquitectos, quatro deles pertencentes às equipas do Inquérito: Alfredo Viana de Lima, Alberto Neves, Fernando Távora, coordenador da Zona 1 (Minho) e toda a equipa da Zona 2 (Trás-os-Montes): Octávio Lixa Figueiras (coordenador), Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias. Sobre este assunto ver também Nelson Mota, “The Vernacular in Dubrovnik, 1956: Fetishism or Commitment” in *Surveys on Vernacular Architecture: Their Significance in 20th Century Architectural Culture. Conference Proceedings*, editado por Alexandra Cardoso, Joana Cunha Leal e Maria Helena Maia (Porto: CEEA, 2012), 356-70.

<sup>33</sup> Ana Tostões, *Os Verdes Anos*, 165.

andamento, para “a revisão do método internacional condensado na abordagem das formas autênticas de vida como inspiração da arquitectura”.

Também Manuel Mendes<sup>34</sup> chama a atenção para o facto de a abordagem ao Inquérito feita pelas duas equipas do Norte ser caracterizada por uma visão menos funcionalista e mais antropológica do espaço e das formas arquitectónicas. Mais tarde, este autor irá defender que o levantamento destas equipas “adopta uma abordagem territorial das formas de ocupação e modos de vida provocados pela apropriação do espaço: terra, áreas construídas, construções”<sup>35</sup>.

Esta caracterização, no entanto, é considerada por Vieira de Almeida e Cardoso<sup>36</sup> como exclusiva da análise feita pela equipa da região de Trás-os-Montes, “amplamente articulada sobre uma vertente etnológica”, defendendo ser este estudo o “mais rico e o mais completo de todo o Inquérito”.

### Relações com o poder

As provas finais da *Arquitectura Popular em Portugal* foram apresentadas ao próprio Salazar tendo-se este mostrado particular interesse nos resultados do Inquérito realizado pelo Sindicato dos Arquitectos, o que levanta alguns problemas de enquadramento e interpretação.

De facto, de acordo com Portas<sup>37</sup>, “uma curiosa coincidência de equívocos ou fingimentos” contribuiu decisivamente para a concretização do Inquérito. Enquanto o governo acreditava que este trabalho contribuiria para reforçar o portuguesismo da arquitectura nacional, os arquitectos procuravam “montar um documentário explosivo” que pudesse demonstrar a existência de tantas “tradições” quantas as regiões. A mesma ideia consta do prefácio da 2.ª edição da *Arquitectura Popular em Portugal*<sup>38</sup>, que reforça a reivindicação de que o equívoco tinha sido mantido intencionalmente para garantir o financiamento do governo, sem o qual o projecto não poderia ter sido implementado.

O prefácio de 1979 também clarifica o papel de Keil do Amaral, como tendo sido não só quem lançou a ideia do Inquérito como quem deu o impulso decisivo para a sua concretização, no período em que foi presidente do Sindicato dos Arquitectos. A consciência de que a arquitectura popular se começava a degradar teria levado Keil a sentir a urgência da realização de um levantamento que se estendesse a todo o país e que, simultaneamente, registasse essa arquitectura e demonstrasse que a existência de um único “estilo nacional” não passava de um mito<sup>39</sup>.

É apenas depois da queda do Estado Novo em 1974 que surgem as interpretações do Inquérito como um acto de resistência contra as imposições arquitectónicas do regime. De facto, a própria noção de que o regime exercia algum tipo de “controlo arquitectónico” não é consensual<sup>40</sup>.

Para Vieira de Almeida a ideia da imposição pelo regime de um “estilo ou estilos nacionais” constitui a base de um dos mal-entendidos do Inquérito. Para este autor, a descoberta da diversidade e a ausência de aspectos específicos da arquitectura portuguesa é uma consequência directa do facto de

<sup>34</sup> Manuel Mendes, “Os anos 50”.

<sup>35</sup> Manuel Mendes, “Porto: The School and its Projects 1940-1986” in *Architectures à Porto* (Brussels: Pierre Mardaga, 1990).

<sup>36</sup> Pedro Vieira de Almeida e Alexandra Cardoso, *Arnaldo Araújo*.

<sup>37</sup> Nuno Portas, *A Evolução*.

<sup>38</sup> Assinado pela Direcção da Associação dos Arquitectos Portugueses.

<sup>39</sup> Direcção da Associação dos Arquitectos Portugueses, Prefácio à 2.ª edição de *Arquitectura Popular em Portugal* (Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980 [1979]).

<sup>40</sup> Vd. Alexandra Cardoso e Maria Helena Maia, “Arquitectura e Poder: Para uma historiografia do Movimento Moderno em Portugal” in *Apropriações do Movimento Moderno* (Actas do VII Encontro do CEAA, [Zamora, Junho 2011], Porto: CEAA, 2012).

as equipas terem partido para o terreno “militantemente dispost[as] a ler a diversidade, tudo o que no território nacional resulta desuniforme, desconexo”<sup>41</sup>. É esta atitude que o prefácio à 2.ª edição da *Arquitectura Popular em Portugal* legitima historicamente através da “deliberada e circunstancial estratégia de contrariar uma alegada interpretação oficial.”<sup>42</sup>.

### A questão metodológica

A questão metodológica é um dos aspectos problemáticos do Inquérito e é também um dos que tem recebido menor atenção. Efectivamente, a maioria dos textos que se debruçam sobre o tema limita-se a descrever aspectos factuais da realização do Inquérito e a analisar os seus antecedentes e consequências.

Vieira de Almeida<sup>43</sup> é o primeiro autor a concentrar-se no Inquérito em si, destacando o problema de uma total ausência de uma metodologia comum entre as equipas. Isto será confirmado mais tarde por Teotónio Pereira<sup>44</sup>, líder de uma das equipas, no prefácio à 3.ª edição da *Arquitectura Popular em Portugal*.

Por outro lado, embora reconhecendo a diversidade dos resultados, Tostões<sup>45</sup>, baseando a sua argumentação num alegado documento escrito por Keil do Amaral, defende a existência de um plano prévio e de directrizes comuns para todos os grupos, “de modo a assegurar a unidade do trabalho”. Estas directrizes teriam sido baseadas na atenção a vários aspectos: “ocupação do território, [...] estruturação urbana, [...] expressão e valor plástico dos edifícios e dos aglomerados urbanos, [...] materiais e processos de construção, [...] influências do clima, [...] condições económicas, [...] organização social, [...] costumes e hábitos das populações”<sup>46</sup>.

Mais tarde, Ollero faz referência a outro documento que, segundo este autor, foi também escrito por Keil. O documento consistiria no esboço de uma carta, escrita para as equipas do Norte, que, no seu entender, “revela um mal-entendido entre as equipas do norte e do sul acerca de como o trabalho deveria ser feito, especialmente sobre a dimensão e capacidade do que eles tinham que fazer, de uma maneira muito diferente do que acabou por ser feito”<sup>47</sup>.

Na verdade, já Mendes<sup>48</sup> defendera que o trabalho das equipas do Norte foi diferenciado por uma abordagem cuidadosa de valores espaciais, embora tenhamos dúvidas quanto a saber se foi realmente uma decisão tomada pelas equipas, ou se essa é a própria interpretação do autor.

Uma análise mais detalhada da metodologia do Inquérito, ou da falta dela, foi realizada recentemente, deparando-se com a real impossibilidade de realizar uma leitura do conjunto a partir dos quadros publicados, o que obrigou a uma sua reelaboração<sup>49</sup>.

<sup>41</sup> Pedro Vieira de Almeida, *Apontamentos para uma Teoria da Arquitectura* (Lisboa: Livros Horizonte, 2008), 110

<sup>42</sup> Pedro Vieira de Almeida, *Apontamentos*.

<sup>43</sup> Pedro Vieira de Almeida, “Carlos Ramos: Uma estratégia de intervenção” in *Carlos Ramos* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986).

<sup>44</sup> Nuno Teotónio Pereira, Prefácio à 3.ª edição de *Arquitectura Popular em Portugal* (Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988 [1987]).

<sup>45</sup> Ana Tostões, *Os Verdes Anos*.

<sup>46</sup> Keil do Amaral *apud* Rodrigo Ollero, “Letter to Raul Lino”.

<sup>47</sup> Rodrigo Ollero, “Letter to Raul Lino”.

<sup>48</sup> Manuel Mendes, “Os Anos 50”.

<sup>49</sup> Vd. Pedro Vieira de Almeida, *Dois Parâmetros*; e Maria Helena Maia, Alexandra Cardoso e Joana Cunha Leal, “Our Project”.

### Consequências na arquitectura portuguesa

Realizado num momento de viragem histórica, quando alguns dos princípios do Movimento Moderno estavam a ser criticamente revistos, tanto a nível nacional como internacional, o Inquérito encorajou os arquitectos modernos na retoma da história e da tradição. Como resultado “os arquitectos passaram a utilizar com um novo à-vontade, sem o sentimento de estarem a trair os princípios basilares da arquitectura moderna, alguns elementos tradicionais que eram antes considerados impuros e por isso proscritos”<sup>50</sup>.

De facto, em articulação com os objectivos teóricos do Inquérito uma *terceira via*<sup>51</sup> emergiu na arquitectura portuguesa usando a tradição na construção da modernidade. Comumente citados como exemplos desta *terceira via* são a casa de Ofir, de Távora<sup>52</sup>, a casa de Afonso Barbosa e a HICA, de Januário Godinho<sup>53</sup>, a casa do poeta Ruben A., de João Andresen<sup>54</sup>. Similarmente, as obras de Viana de Lima<sup>55</sup>, Teotónio Pereira, Portas, Siza e muitos outros são também considerados representativos desta corrente.

Por outro lado, Mendes<sup>56</sup> salientou que o estudo da arquitectura vernacular trouxe um novo equilíbrio “que havia sido deformado pela valorização tecnológica do Movimento Moderno: a harmonia entre espaço, arquitectura e a vida dos habitantes, a relação entre as propostas de transformação e a paisagem existente”.

O racionalismo, a funcionalidade e a forte ligação com a paisagem existente, que os arquitectos encontraram na arquitectura regional tradicional, influenciou decisivamente os rumos tomados pela arquitectura portuguesa subsequente. No entanto, a forma como os arquitectos construíram a modernidade no contacto directo com a tradição teve variantes.

De acordo com Portas<sup>57</sup>, houve diferenças de interpretação entre as várias equipas do Inquérito: “mais cultural uma, mais instrumental ou tática, a outra” as quais “anunciavam a clivagem que, ao longo dos anos 60 [...] dividiria os seguidores dos CIAM dos críticos dos CIAM”. Esta divisão foi determinante justamente na relação entre tradição e modernidade, e nas suas várias formas de entendimento.

Sérgio Fernandez<sup>58</sup> recorda que o Inquérito teve efeitos pedagógicos visíveis nos alunos da ESBAP, os quais tiveram por professores os membros das equipas do Norte, o que resultou numa atenção nova às questões relacionadas com a habitação rural. Este interesse veio a reflectir-se no tema de várias teses de licenciatura posteriormente apresentadas, como a de José Dias e Sérgio Fernandez em comunidades de Bragança e a de José Forjaz numa aldeia no Alentejo<sup>59</sup>.

Esta perspectiva foi depois exportada para Moçambique, onde José Dias e José Forjaz tinham importantes responsabilidades técnicas e administrativas no governo, e António Quadros, pintor e

<sup>50</sup> Nuno Teotónio Pereira, “Reflexos Culturais do Inquérito à Arquitectura Regional” in *J-A* (n.º 195, Março/Abril 2000).

<sup>51</sup> Nuno Portas, “Arquitecto Fernando Távora: 12 anos de actividade profissional”, *Arquitectura* (3.ª série, 71, Lisboa, Julho, 1961).

<sup>52</sup> Nuno Portas, “Arquitecto Fernando Távora”.

<sup>53</sup> Nuno Portas, *A Evolução*, Ana Tostões, *Os Verdes Anos*.

<sup>54</sup> Ana Tostões, “Modernização e Regionalismo 1948-1961” in *Arquitectura do Século XX. Portugal*, editado por Annette Becker, Ana Tostões e Wilfred Wang (Portugal-Frankfurt 97, 1997), 41-53.

<sup>55</sup> Sérgio Fernandez, *Percurso*; Pedro Vieira de Almeida e Maria Helena Maia, “As décadas”.

<sup>56</sup> Manuel Mendes, “Porto: The School and its Projects 1940-1986” in *Architectures à Porto* (Brussels: Pierre Mardaga, 1990).

<sup>57</sup> Nuno Portas, *A Evolução*.

<sup>58</sup> Sérgio Fernandez, *Percurso*.

<sup>59</sup> Pedro Vieira de Almeida e Alexandra Cardoso, *Arnaldo Araújo*.

poeta oriundo também da ESBAP, exerceu uma influência cultural unanimemente reconhecida, tendo já sido colocada a hipótese de que “esta abordagem multifuncional com raízes antropológicas e etnográficas” tenha influenciado a implementação e desenvolvimento das “aldeias comunais” em Moçambique<sup>60</sup>.

De facto, já no seu CODA, Arnaldo Araújo entendia que era no “esforço para a análise e detecção de necessidades concretas das populações concretas, bem como de empenhadas propostas locais de intervenção” que poderia vir a “estabelecer-se a base de *um novo regionalismo*”<sup>61</sup>. E ao concluir sublinha que “o arquitecto português, sem ter de abandonar ou diminuir (e sem poder fazê-lo) as suas relações com as linhas universais (técnicas e estéticas) da arquitectura moderna, mais se aproximasse das realidades do seu povo, se fizesse intérprete das suas virtualidades, construiu uma radicada arquitectura portuguesa, universal pois.”<sup>62</sup>.

Por outro lado, Teotónio Pereira<sup>63</sup> observa que uma das consequências mais imediatas do Inquérito foi a sua contribuição para a expansão da noção de “património arquitectónico” para a arquitectura popular e para os assentamentos rurais, sendo indiscutível que o Inquérito à Arquitectura Regional constitui um importante registo de uma realidade rural que quase desapareceu de imediato.

Mas a recolha fotográfica que foi publicada forneceu um renovado repertório formal de elementos arquitectónicos – uma verdadeira *Bíblia* nas palavras de Vieira de Almeida<sup>64</sup> e de Siza Vieira<sup>65</sup>, que teve como consequência inesperada o serem apropriados para empreendimentos turísticos, especialmente em muitas das construções “típicas” da área costeira do país, pervertendo o efeito crítico originalmente pretendido.

### Contexto internacional

O interesse pela arquitectura popular que caracteriza o Inquérito tem também as suas raízes em processos similares levados a cabo noutros países, se bem que este tema só muito recentemente tenha vindo a ser aprofundado na historiografia da arquitectura nacional.

De entre as referências até há pouco estabelecidas, conta-se o caso do grupo *avant-garde* catalão GATEPAC que nos anos 30 publicou vários exemplos de arquitectura vernacular na sua revista *A.C. Documento de Actividade Contemporânea*<sup>66</sup>.

Toussaint<sup>67</sup>, chama a atenção para o facto de tanto o Inquérito como a sua publicação terem antecedido a famosa mostra no MoMA e o livro/catálogo *Architecture without Architects* (1964), concebido por Bernard Rudofsky, e da *Arquitectura Popular em Portugal* estar presente nas referências bibliográficas de obras importantes como *House Form and Culture* (1969) de Amos Rapoport.

---

<sup>60</sup> Pedro Vieira de Almeida e Alexandra Cardoso, *Arnaldo Araújo*.

<sup>61</sup> Pedro Vieira de Almeida e Alexandra Cardoso, *Arnaldo Araújo*.

<sup>62</sup> Arnaldo Araújo, *Formas do Habitat Rural*.

<sup>63</sup> Nuno Teotónio Pereira, “Reflexos Culturais”.

<sup>64</sup> Francisco Silva Dias, Entrevistado por Inês Oliveira.

<sup>65</sup> Guido Giangregorio, Conversación com Álvaro Siza Vieira: Primeira Parte, *Experimenta* 29 (2011).

<sup>66</sup> Alexandra Cardoso e Maria Helena Maia, “Tradition and Modernity”.

<sup>67</sup> Michel Toussaint, “Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira metade do século XX” (Tese de doutoramento, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitectura, 2009)

É ainda conhecida a influência deste trabalho nos cinco volumes da *Arquitectura Popular Espanhola* (1973) de Carlos Flores<sup>68</sup>

Recentemente, tem vindo a ser levantada a possibilidade de a ideia do Inquérito ter partido da influência exercida por Lúcio Costa, quando das suas visitas a Portugal com o objectivo expresso de conhecer a arquitectura regional portuguesa, em 1926, 1948, 1952 e 1961, e sobretudo a partir do texto *Documentação Necessária* publicado em 1937<sup>69</sup>.

Outras influências têm também vindo a ser detectadas, como é o caso da influência espanhola, nomeadamente do trabalho de Mercadal e Sert<sup>70</sup>, ou das influências culturais do racionalismo italiano, concretamente do levantamento da arquitectura rural italiana realizado por Pagano em 1936 e das suas consequências<sup>71</sup>.

### Importância actual do Inquérito

Como notou Teotónio Pereira<sup>72</sup>, a documentação reunida no Inquérito pode suportar aproximações directamente relacionadas com a arquitectura, mas também constitui uma fonte importante de informação para outras áreas de investigação, tais como a história, a antropologia, a sociologia ou a história da fotografia.

No que diz respeito à arquitectura, como já se tem vindo a defender desde 2009, o Inquérito “constitui na história da cultura arquitectónica portuguesa um marco, enquanto testemunho histórico de uma época, representando um significativo desafio para uma consciência crítica actual” e “a discussão crítica do ‘Inquérito’ mantém toda a sua oportunidade, agora que o tema dos vernáculos e regionalismos tornou a entrar no âmbito das discussões profissionais”<sup>73</sup>. Prova-o a recente densidade dos contributos nacionais e internacionais dedicados a este tema.

Este trabalho foi realizado no âmbito do *projecto A “Arquitectura Popular em Portugal”: Uma Leitura Crítica*, financiado por fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE (FCOMP-01-0124-FEDER-008832) e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/AUR-AQI/099063/2008).

<sup>68</sup> Esta relação é frequentemente referida por muitos dos que lhe são contemporâneos, como é o caso de Pedro Vieira de Almeida ou Álvaro Siza, que em diferentes testemunhos orais a referiram.

<sup>69</sup> Madalena Cunha Matos e Tânia Beisl Ramos, “Um Encontro, Um Desencontro: Lúcio Costa, Raul Lino e Carlos Ramos” in *O Moderno já Passado. O Passado no Moderno. Reciclagem, requalificação, rearquitectura*, Anais do 7.º seminário do do.co.mo.mo Brasil (Porto Alegre: 22 a 24 Outubro 2007).

<sup>70</sup> Ricardo Agarez, “Vernacular, Conservative, Modernist: The Uncomfortable ‘Zone 6’ (Algarve) of the Portuguese Folk Architecture Survey (1951-1961)” in *Surveys on Vernacular Architecture: Their Significance in 20th Century Architectural Culture. Conference Proceedings*, editado por Alexandra Cardoso, Joana Cunha Leal e Maria Helena Maia (Porto: CEAA, 2012), 65-82.

<sup>71</sup> Ricardo Agarez, “Vernacular”; António Neves, “The Second Modern Generation and the Survey on Regional Architecture: Some notes based on projects of Arménio Losa and Cassiano Barbosa” in *Surveys on Vernacular Architecture*, 371-389; Paula André, “Surveys, Travels and Disclosure of Vernacular Architecture in the Portuguese and European Context” in *Surveys on Vernacular Architecture*, 111-123.

<sup>72</sup> Nuno Teotónio Pereira, Prefácio à 3ª. edição.

<sup>73</sup> Pedro Vieira de Almeida *et al.*, Candidatura do *projecto A Arquitectura Popular em Portugal: Uma leitura crítica* apresentado à FCT em Fevereiro de 2009.

**BIBLIOGRAFIA**

- AGAREZ, Ricardo. "Vernacular, Conservative, Modernist: The Uncomfortable 'Zone 6' (Algarve) of the Portuguese Folk Architecture Survey (1951-1961)" in *Surveys on Vernacular Architecture: Their Significance in 20th Century Architectural Culture. Conference Proceedings*. Porto: CEEA, 2012.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de. "Carlos Ramos: Uma estratégia de intervenção" in *Carlos Ramos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- . *Apontamentos para uma Teoria da Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- . *Dois Parâmetros de Arquitectura Postos em Surdina: O propósito de uma investigação*. Porto: CEEA, 2010.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de, e Alexandra Cardoso. *Arnaldo Araújo, Arquitecto (1925-1982)*. Porto: CEEA, Edições Caseiras / 1, 2002.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de, e Maria Helena Maia. "As décadas pós-Congresso: Os anos 50" in *Arquitectura Moderna*, direcção de Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes. Vol. 14 da *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Alfa, 1986.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de, et al. Candidatura do projecto *A Arquitectura Popular em Portugal: Uma Leitura Crítica* apresentado à FCT em Fevereiro de 2009.
- AMARAL, Keil do. "Uma iniciativa necessária." *Arquitectura*, 2.ª Série Ano XX, n.º 14, Abril, 1947
- ANDRÉ, Paula. "Surveys, Travels and Disclosure of Vernacular Architecture in the Portuguese and European Context." In *Surveys on Vernacular Architecture: Their Significance in 20th Century Architectural Culture. Conference Proceedings*. Porto: CEEA, 2012.
- ARAÚJO, Arnaldo. *Formas do Habitat Rural – Norte de Bragança: Contribuição para a estrutura da comunidade*. CODA. Escola Superior de Belas-Artes do Porto, 1957.
- Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1.ª edição, 1961; Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 2.ª edição, 1980; Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 3.ª edição, 1988; Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, 4.ª edição, 2004.
- CARDOSO, Alexandra, Joana Cunha Leal e Maria Helena Maia, ed. *Surveys on Vernacular Architecture: Their Significance in - 20th Century Architectural Culture. Conference Proceedings*. Porto: CEEA, 2012.
- CARDOSO, Alexandra, e Maria Helena Maia. "Architecture and the Discovery of Rural Portugal." Comunicação apresentada na conferência internacional *Theoretical Currents II: Architecture and its Geographical Horizons*, Lincoln, Reino Unido, Abril, 2012.
- . "Tradition and Modernity: The Historiography of the Survey to the Popular Architecture in Portugal." Comunicação aceite (Dezembro de 2010) para publicação in *Approaches to Modernity*, editado por Maria Helena Maia e Mariann Simon. Porto: CEEA, no prelo.
- . "Arquitectura e Poder: Para uma historiografia do Movimento Moderno em Portugal" in *Apropriações do Movimento Moderno*. Actas do VII Encontro do CEEA (Zamora, Junho 2011). Porto: CEEA, 2012.
- DIAS, Francisco Silva. Entrevista a Inês Oliveira realizada em 13 de Dezembro de 2010 in Inês Oliveira, *A fotografia no "Inquérito da Arquitectura Popular em Portugal"*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra – Departamento de Arquitectura, Julho 2011, anexo.

DIRECÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES. Prefácio à 2.<sup>a</sup> edição de *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1979.

FERNANDEZ, Sérgio. *Percurso: Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Edições da FAUP, 1988 (1985).

FILGUEIRAS, Octávio Lixa. *Urbanismo: Um Tema Rural*. CODA. Escola Superior de Belas-Artes do Porto, 1954.

—. “A Escola do Porto (1940/69)” in *Carlos Ramos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

FRANÇA, José-Augusto. “Raul Lino: Arquitecto da Geração de 90” in *Raul Lino*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

—. *A Arte em Portugal no Século XX*. Lisboa: Bertrand, 1974.

GIANGREGORIO, Guido. “Conversación con Álvaro Siza Vieira: Primera Parte.” *Experimenta* 29, 2011.

LEAL, João. *Etnografias Portuguesas (1870-1970), Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2000.

—. *Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português*. Porto: Fundação Marques da Silva, 2008.

—, Maria Helena, Alexandra Cardoso e Joana Cunha Leal, “Our Project: The ‘Popular Architecture in Portugal’. A Critical Look. Intercalar results of a research Project” in *Surveys on Vernacular Architecture: Their Significance in 20th Century Architectural Culture. Conference Proceedings*. Porto: CEEA, 2012.

MATOS, Madalena Cunha, e Tânia Beisl Ramos. “Um Encontro, Um Desencontro: Lúcio Costa, Raul Lino e Carlos Ramos” in *O Moderno já Passado. O Passado no Moderno. Reciclagem, requalificação, rearquitectura*. Anais do 7.<sup>o</sup> seminário do do.co.mo.mo Brasil, Porto Alegre, 22 a 24 Outubro, 2007.

MENDES, Manuel. “Os anos 50”. *RA – Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, ano I, n.<sup>o</sup> 0, Outubro, 1987.

—. “Porto: The School and its Projects 1940-1986” in *Architectures à Porto*. Brussels: Pierre Mardaga, 1990.

MILHEIRO, Ana Vaz. “A Tradição em Brazil Buildings e o Inquérito à Arquitectura Popular” in *Nos Trópicos sem Le Corbusier*. Lisboa: Relógio D’Água, 2012.

NEVES, António. “The Second Modern Generation and the Survey on Regional Architecture: Some notes based on projects of Arménio Losa and Cassiano Barbosa” in *Surveys on Vernacular Architecture: Their Significance in 20th Century Architectural Culture. Conference Proceedings*. Porto: CEEA, 2012.

OLIVEIRA, Inês. “A fotografia no ‘Inquérito da Arquitectura Popular em Portugal’.” Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra – Departamento de Arquitectura, 2011.

OLLERO, Rodrigo. “‘Letter to Raul Lino’. Cultural Identity in Portuguese Architecture. The ‘Inquérito’ and the Architecture of its Protagonists in the 1960’s.” Tese de doutoramento, University of Salford, School of Construction and Property Management, 2011.

PEREIRA, Michel Toussaint Alves. “Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX.” Tese de doutoramento em Teoria da Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitectura, 2009.

PEREIRA, Nuno Teotónio. Prefácio à 3.ª edição de *A Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1987.

— “Reflexos Culturais do Inquérito à Arquitectura Regional.” *J-A*, n.º 195, Março/Abril, 2000.

PORTAS, Nuno. “Arquitecto Fernando Távora: 12 anos de actividade profissional.” *Arquitectura*, 3.ª série, 71, Lisboa, Julho, 1961.

— “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação.” Vol. II da *História da Arquitectura Moderna*, editado por Bruno Zevi. Lisboa: Editora Arcádia, 1987.

RIBEIRO, Orlando. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1998 (1945).

TÁVORA, Fernando. *O Problema da Casa Portuguesa*. Lisboa: Cadernos de Arquitectura, 1947.

TOSTÕES, Ana. “Modernização e Regionalismo 1948-1961” in *Arquitectura do Século XX: Portugal*, editado por Annette Becker, Ana Tostões e Wilfred Wang. Portugal-Frankfurt 97, 1997.

— *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto: FAUP, 1997 (1994).